

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**TAISE MACHADO FIGUEIREDO**

**O CEMESSC COMO GUARDIÃO DAS MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO DO SUL DE  
SANTA CATARINA**

**CRICIÚMA**

**2013**

**TAISE MACHADO FIGUEIREDO**

**O CEMESSC COMO GUARDIÃO DAS MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO DO SUL DE  
SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel e Licenciada no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Dra. Marli de Oliveira Costa

**CRICIÚMA**

**2013**

**TAISE MACHADO FIGUEIREDO**

**O CEMESSC COMO GUARDIÃO DAS MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO DO SUL DE  
SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel e Licenciada, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História da Educação.

Criciúma, 12 de dezembro de 2013

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Marli de Oliveira Costa - UNESC - Orientadora

Prof. Paulo Sérgio Osório - Mcs - UNESC

Profa. Giani Rabelo - Dra - UNESC

**“Dedico esse TCC a todos que estiveram ao meu lado e acreditaram em mim, em especial ao meu pai que não está mais presente (*in memória*), que enquanto esteve ao meu lado me ensinou e me amou, contribuindo para minha educação e nunca deixando de acreditar no meu potencial.”**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Jesus Cristo, pois sempre tive fé e devoção, a toda minha família, minha mãe, meu pai (*in memória*) e meus irmãos, que apesar de muitos imprevistos que tivemos durante essa caminhada me apoiaram e me incentivaram nos momentos mais difíceis, principalmente quando meu pai amado partiu, hoje ele não poderá compartilhar esse momento comigo, mas sei que de algum lugar ela estará orgulhoso e feliz.

Quero agradecer ao meu companheiro Rodrigo, Deus colocou-o na minha vida no momento certo, na hora em que eu mais precisava me apoiando e compreendendo, me incentivando e me mostrando que eu posso alcançar meus objetivos, agradeço pela sua atenção, amor, carinho e paciência.

A minha orientadora Marli de Oliveira Costa e a professora Giani Rabelo, que me oportunizaram como bolsista no projeto de pesquisa para a implantação do CEMESSC, a qual fiz parte do GRUPEHME, aonde me conduziram adentrar neste universo de conhecimento, passando suas experiências e sua dedicação, tenho grande admiração a Marli e Giani, que com muita paciência acreditaram em mim e me compreenderam quando eu mais precisei, hoje quero dizer apenas duas palavras para vocês, “muito obrigada”.

Agradeço a minha grande amiga e irmã Cintia, não tenho palavras para expressar o carinho que sinto por você, sorrimos e choramos, vivemos grandes emoções, sempre uma apoiando a outra, agradeço pelos seus conselhos que muito me ajudarão para minha vida e principalmente pela sua amizade.

Agradeço a todos os meus amigos/as e colegas do curso de história, por todas as idéias, debates e companheirismo nestes últimos anos. Agradeço a Gabriela, Aline e Clarice por todos os momentos juntos.

Ao curso de história e o seu corpo docente que contribuíram para minha formação acadêmica, agradeço a Zeli secretária do curso onde tenho grande carinho por ela, aos meus queridos professores e coordenadores do curso Paulo Sérgio Osório e João Henrique Zanelatto.

Enfim, agradeço a todos que acreditaram em mim e estiveram ao meu lado, muito obrigada a todos!!!

**“[...] Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual.”**

**Pierre Nora**

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso – TCC busca apresentar o processo de implantação do Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina – CEMESSC, realizado pelo Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação – GRUPEHME. O objetivo do estudo foi compreender a importância do CEMESSC para a preservação e guarda da cultura material escolar das escolas estaduais mais antigas do Sul de Santa Catarina. A metodologia utilizada foi do tipo documental. Análise de relatórios e artigos sobre o CEMESSC, bem como alguns documentos que compõe o Centro. Além da investigação nesses documentos foi necessário visitar uma vasta bibliografia que aborda os conceitos de cultura material escolar, principal referência nesse trabalho. O CEMESSC se apresenta como uma das formas de preservar, guardar e sociabilizar documentos iconográficos e textuais que contribuem para as pesquisas no campo da história da educação, possibilitando, por seu formato virtual a democratização a esses acervos.

**Palavras-chave:** Patrimônio Escolar. Cultura Material Escolar. Arquivos Escolares. Cultura do Descarte.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| Figura 1: Sineta antiga utilizada para controlar o tempo e horários escolares, da Escola de Educação Básica Ângelo Izé, Forquilha/SC.....     | 18 |
| Figura 2: Carteira escolar antiga, da Escola de Educação Básica Costa Carneiro, Orleans/SC.....   | 19 |
| Figura 3: Primeiras instalações da E. E. B. Professor Lapagesse, Criciúma/SC (antiga Mitra Diocesana) 1933.....                               | 20 |
| Figura 4: Desfile Cívico da Escola de Educação Básica Julieta Torres Gonçalves, Nova Veneza/SC, setembro década de 1970.....                  | 21 |
| Figura 5: Hasteamento da bandeira da Escola de Educação Básica Visconde de Taunay, Lauro Muller/SC, década de 1960.....                       | 22 |
| Figura 6: Livro de matrícula da Escola de Educação Básica Hercílio Luz, Tubarão/SC, ano de 1945 – 1967.....                                   | 30 |
| Figura 7: Ata da Associação de Pais e Professores (APP) da Escola de Educação Básica Dom Joaquim, Braço do Norte/SC, anos de 1977 a 1984..... | 30 |
| Figura 8: Mapa de localização das microrregiões do sul de Santa Catarina.....   | 36 |



## **LISTA DE TABELAS**

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1: AMREC - Associação dos Municípios da Região Carbonífera.....      | 38 |
| Tabela 2: AMESC - Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense..... | 38 |
| Tabela 3: AMUREL - Associação dos Municípios da Região de Laguna.....       | 38 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso

**UNESC** – Universidade do Extremo Sul Catarinense

**SC** – Santa Catarina

**CEMESSC** – Centro da Memória do Sul de Santa Catarina

**CEDOC** – Centro de Documentação

**MUESC** – Museu Universitário

**GRUPEHME** – Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação

**CNPq** – Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

**AMREC** – Associação dos Municípios da Região Carbonífera

**AMESC** – Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense

**AMUREL** – Associação dos Municípios da Região de Laguna

**CEMI** – Centro de Memória Institucional

**ISERJ** – Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro

**APP** – Associação de Pais e Professores

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>11</b> |
| <b>2 O CEMESSC E A CULTURA MATERIAL ESCOLAR: ENTRE A AMEÇA DO DESCARTE E OS DESAFIOS DA PRESERVAÇÃO .....</b> | <b>15</b> |
| 2.1 O QUE É CULTURA MATERIAL ESCOLAR.....   | 15        |
| <b>3 DOCUMENTOS ESCOLARES E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO .....</b>                          | <b>25</b> |
| <b>4 O CEMESSC E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PRESERVAÇÃO E A PESQUISA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO .....</b>           | <b>33</b> |
| 4. 1 A CULTURA DO DESCARTE COMO AMEÇA AO PATRIMÔNIO ESCOLAR   | 33        |
| 4. 2 IMPLANTAÇÃO DO CEMESSC: INVENTARIAR, DIGITALIZAR E GUARDAR   | 35        |
| <b>CONCLUSÃO .....</b>  | <b>42</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>44</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....</b>   | <b>46</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Esse estudo busca apresentar a história da implantação do Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina – CEMESSC, em meio virtual. Para tanto problematiza, a partir da história da educação, a importância da preservação dos acervos escolares.

Meu interesse por essa temática deu-se porque participei como bolsista<sup>1</sup> de Iniciação Científica na implantação desse Centro. O CEMESSC é um dos trabalhos de preservação dos acervos escolares desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa, História e Memória da Educação- GRUPEHME. O projeto do Centro de memória da educação em meio virtual foi aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq em 2009, por meio do edital MCT/CNPq no 42/2007- Difusão e Popularização da C&T.

O Projeto alcançou 27 escolas da rede pública estadual do sul de Santa Catarina. Ao fazer parte do grupo, tive a oportunidade de fazer visitas nas escolas selecionadas, podendo perceber a realidade dos arquivos das instituições, me deparando com uma triste realidade: a maioria das escolas não guardam adequadamente os acervos que remetem à história da educação.

Ao ingressar neste projeto, participei dos debates acerca da preservação, memória, cultura material, patrimônio histórico entre outros relacionados, oportunizado pelas professoras Giani Rabelo<sup>2</sup> e Marli de Oliveira Costa<sup>3</sup>, ambas líderes do GRUPEHME e coordenadoras do CEMESSC. Discuti sobre a prática da cultura do descarte e de que maneira ela está inserida no nosso cotidiano, por meio de textos e diálogos disponibilizados pelas professoras.

Como fiz parte do processo de implantação do referido projeto, tive a oportunidade de ter o contato com os documentos, neste sentido:

O encontro com os documentos e arquivos escolares é o início de um processo lento e árduo de produção de fonte. O documento não é, ele está. Está e torna-se fonte de pesquisa a partir do trabalho do historiador.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> PIC 170/CNPq/UNESC 2011 (PPGE/UNESC).

<sup>2</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC / Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação – GRUPEHME. E-mail: gra@unesc.net.

<sup>3</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC / Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação – GRUPEHME. E-mail: moc@unesc.net.

<sup>4</sup> NICOLAU, Fabiana. Produzindo fontes para história carnavalizada: as instituições e cultura escolares In: \_\_\_\_\_. **História, Educação e Cultura Escolar**. Chapecó: Argos, 2012, p. 90.

Ao ter contado com os documentos, tive a oportunidade de conhecer ainda mais sobre a cultura material escolar, pois o grupo me proporcionou esse encontro, assim, estive presente em boa parte das escolas visitadas, onde auxiliei na escolha dos documentos e na coleta, onde também digitalizei os documentos encontrados, e participei na coleta de dados por meio de planilhas elaboradas pelas bibliotecárias<sup>5</sup>, para armazenar no *site*.

Participei de eventos<sup>6</sup>, onde tive oportunidade de falar sobre o CEMESSC e, que me proporcionou conhecimentos neste campo e contribuiu para minha formação acadêmica. O objetivo desse estudo é compreender a importância de espaços como o CEMESSC, para a preservação da cultura material escolar e a socialização dos acervos escolares em meio digital. Escrevi juntamente com minha colega Cintia Gonçalves Martins<sup>7</sup> que também foi bolsista do GRUPEHME, um artigo publicado no encontro da Anpuh<sup>8</sup>.

Este trabalho está vinculado à Linha de Pesquisa da História da Educação, numa concepção Histórico Cultural.

Para a realização do TCC, foi necessário leituras acerca da Cultura Material Escolar e História da Educação. Utilizei os acervos do CEMESSC, onde atuei como bolsista do GRUPEHME, o que contribuiu para análises enquanto pesquisadora para a realização deste trabalho.

A metodologia para construir o TCC consistiu em fichamentos de artigos e conteúdos que referenciam conceitos como: Cultura Material, Documentação, Fonte e Cultura de Descarte, bem como, o acesso aos relatórios dos projetos de PIC 170 e Pibic, que trabalharam o processo de implantação do Centro, além dos artigos que foram produzidos pelas professoras que coordenaram tal implantação. Assim sendo, essa pesquisa é do tipo documental e a abordagem qualitativa.

---

<sup>5</sup> O CEMESSC recebeu auxílio técnico das bibliotecárias da Universidade. As planilhas de organização dos documentos para compor a página *online*, foram organizadas por elas, que ofereceram a orientação necessária para seu preenchimento.

<sup>6</sup> Anpuh – SC 2012 e 3ª Semana de Ciência & Tecnologia UNESC – 2012 XII Seminário de Iniciação Científica.

<sup>7</sup> Graduada em 2012 pelo curso de História da UNESC.

<sup>8</sup> MARTINS, Cintia Gonçalves; FIGUEIREDO, Taise Machado. Inventariar, digitalizar, guardar: a documentação das escolas estaduais mais antigas da Associação dos municípios da Região de Laguna- AMUREL. In: XIV Encontro Estadual de História. 15., 2012, Florianópolis **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Anpuh, 2012. Disponível em: <<http://www.anpuh-sc.org.br/encontro2012/uploads/simposio-15-trabalho-04.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2013.

Para abordar a documentação investigada foram necessárias algumas categorias de análise. Deste modo, para compreender o conceito de memória e lugares de memória, utilizei Jacques Le Goff (2003)<sup>9</sup>, Pierre Nora (1993)<sup>10</sup> e Myrian Santos (1993)<sup>11</sup>; Roger Chartier (2009)<sup>12</sup> contribuiu para a discussão do conceito de cultura. O conceito de cultura material e cultura material escolar utilizado foi o proposto por Margarida Louro Felgueiras (2010)<sup>13</sup> e César Augusto Castro (2011)<sup>14</sup>. Eliane Marta Teixeira Lopes (2001)<sup>15</sup> e Demerval Saviani<sup>16</sup> (2006) contribuíram nas discussões sobre história da educação.

O TCC está dividido em três capítulos, o primeiro capítulo tem como título “A Cultura Material Escolar”, onde é abordado o conceito de Cultura Material, o que é e a importância da preservação para a História da Educação.

O segundo capítulo, titulado “Documentos Escolares e a Sua Contribuição Para a História da Educação”, aborda a importância documental, que é por meio dos vestígios deixados pelas instituições a fim de registrar as ações dos sujeitos envolvidos com o cotidiano escolar. Também é abordado o conceito de fonte e sua contribuição e auxílio para as pesquisas.

No terceiro capítulo, “O CEMESSC e Sua Contribuição para a Preservação e a Pesquisa na História da Educação”, abordo como foi a implantação do projeto e de que forma se deu este processo. Como e a contribuição do CEMESSC nos estudos enquanto cultura material escolar por meio digital, enfatizando a importância da preservação de tais fontes e objetos, sendo discutido a Cultura do Descarte, e de que maneira essa prática pode interferir nas pesquisas.

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: \_\_\_\_\_. **História e Memória**. 4 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

<sup>10</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: \_\_\_\_\_. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez./1993.

<sup>11</sup> SANTOS, Myrian. O Pesadelo da Amnésia Coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **RCBS**, n. 23, ano 8, outubro de 1993.

<sup>12</sup> CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

<sup>13</sup> FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Orgs.). A cultura escolar na historiografia da educação brasileira: Alcances e limites de um conceito. In: \_\_\_\_\_. **Cultura Material, Migrações e Cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2010.

<sup>14</sup> CASTRO, César Augusto (Org.). **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos** (MA, SP, SC e RS, 1870 – 1925). São Luiz: EDUFMA; Café&Lápis, 2011.

<sup>15</sup> LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Fontes e História da Educação. In: \_\_\_\_\_. **História da Educação: o que você precisa saber sobre...** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

<sup>16</sup> SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p. 28, ago. 2006. Disponível em <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art5\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art5_22e.pdf)>. Acesso em: 26 de set. 2013.

Procurei perceber, qual foi o critério que as coordenadoras tiveram para a escolha das escolas para dar ação ao projeto.

Este estudo visa mostrar o CEMESSC como guardião das memórias da educação do sul de Santa Catarina, a fim de contribuir para a preservação desta memória e da cultura escolar, com a valorização das escolas envolvidas, dando visibilidade aos sujeitos e às instituições no âmbito educacional.

## 2 O CEMESSC E A CULTURA MATERIAL ESCOLAR: ENTRE A AMEÇA DO DESCARTE E OS DESAFIOS DA PRESERVAÇÃO

Compreendendo o CEMESSC como Espaço de guarda e preservação da cultura material escolar e observando que a cultura material escolar encontra-se quase que diariamente ameaçada de descarte. Antes de discutir o processo de implantação desse Centro de Memória faz-se necessário revisitar o conceito e as discussões em torno da cultura material escolar e sua contribuição para a história da educação.

### 2.1 O QUE É CULTURA MATERIAL ESCOLAR

O tema cultura material escolar está presente nas discussões de pesquisadores/as da história da educação. Para a compreensão do assunto em questão, vamos nos remeter inicialmente ao conceito de *Cultura*.

Um conceito importante dentro das ciências humanas, possuindo uma extensão de significados. Para simplificar, cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais praticados pelos homens; ideias; ou seja, tudo que a humanidade produz. Um assunto que vem a algum tempo sendo discutido, segundo José Luiz dos Santos (1996)<sup>17</sup>, sendo que desde o século XX muitos estudos tem sido realizados com o intuito de hierarquizar todas as culturas humanas existentes ou extintas.

Margarida Louro Felgueiras (2010) propôs que a cultura deva ser articulada com a história:

A cultura como sistema de normas e valores e como conjunto de obras-primas de uma época ou sociedade vai ocupar assim um lugar de destaque na narrativa, articulada com os processos sociais, econômicos e políticos, que a explicariam. Reconhece também a variedade das culturas e necessidades de as (re) conhecer, nas suas especificidades sócio-históricas.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> SANTOS, Jose Luiz dos. **O que é cultura**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. 89 p.

<sup>18</sup> FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Orgs.). *Cultura Escolar: da migração do conceito à sua Objectivação Histórica* In:\_\_\_\_\_. **Cultura Material, Migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2010. p.19.



Para Roger Chartier (2009) podemos identificar a cultura com a própria história. Segundo o autor este termo – “cultura” – se encontra em duas procedências constituídas:

[...] a que designa as obras e os gestos que, em uma sociedade dada, se subtraem às urgências do cotidiano e se submetem a um juízo estético ou intelectual e a que aponta as práticas comuns por meio das quais uma sociedade ou um indivíduo vivem e refletem sobre sua relação com o mundo, com os outros ou com eles mesmos.<sup>19</sup>

O autor evidencia que temos diversificadas formas e diferentes heranças e tradições, “[...] a história cultural privilegiou objetos, âmbitos e métodos diversos”<sup>20</sup>.

Deste modo, entende-se que cultura vai além de conhecimentos, crenças, leis e costumes, ou seja, também é todo material ou objeto produzido pelos humanos, se solidificando em “Cultura Material”.

Cultura Material está diretamente ligada com os elementos produzidos pela sociedade, pois tudo que é considerado material é físico, objeto ou artefatos. É por meio dos mesmos que podemos identificar como foi à cultura dos nossos antepassados. Sendo um conjunto de objetos culturais, que é definido pelo próprio pesquisador ou historiador, pode ser definido desde a arqueologia:

[...] são fontes materiais aquelas por meio das quais os arqueólogos abordam as sociedades do passado, de maneira que, nas reconstituições que propõem, os aspectos materiais das civilizações prevalecem naturalmente. Todavia, deve-se recordar que, durante muito tempo, a arqueologia buscou essencialmente, nos vestígios concretos, as manifestações mentais sob todos os seus aspectos religiosos e artísticos. Portanto, a arqueologia não chegou de uma só vez à cultura material: foi-lhe necessário o exemplo da pré-história e o impacto da renovação das ciências humanas.<sup>21</sup>

Assim, cultura material são coleções arqueológicas, acervos de museus, documentos, bibliografias, arquivos, fotografias, etc.. Segundo Jean-Marie Pesez (2005), a cultura material deve ser definida a partir de uma concepção de análise e definição adequada pelo pesquisador, que servirá como objeto de estudo e

<sup>19</sup> CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 34.

<sup>20</sup> Ibid., p. 35.

<sup>21</sup> PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material In: \_\_\_\_\_. **A História Nova**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 240.

investigação para as pesquisas: “[...] A noção de cultura material não tem valor em si; só o tem se revela útil”<sup>22</sup>.

Desta forma, percebe-se a importância da cultura material escolar e sua contribuição para a história da educação, para a compreensão do universo dos educandários, como também em conhecer a sociedade e seu processo histórico.

A cultura material é considerada grande fonte histórica:

Além disso, essas novas fontes que vêm sendo incorporadas pelas pesquisas mais recentes têm sido também transformadas no próprio objeto de pesquisa. A imprensa pedagógica, o livro escolar, o caderno do aluno, o mobiliário, o uniforme, por exemplo, não servem apenas para nos fazer aproximar de um aspecto da realidade que estamos investigando, mas eles próprios – suas condições de produção (e de circulação), seus usos, as transformações por que passam ao longo do tempo – passam a interessar, pois dizem também sobre um passado educacional.<sup>23</sup>

Compreendemos que os “[...] objetos utilizados na escola que têm se tornado uma fonte fundamental nos estudos de História da Educação”<sup>24</sup>. Sendo que é por meio dos utensílios e objetos que podem ser considerados de valor para cultura material escolar e possibilitando a novas pesquisas, desta forma, esses objetos de suma importância vai nos remeter ao tempo passado/presente, como Le Goff descreve:

A distinção entre o passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo. É, pois, uma operação fundamental da consciência e da ciência históricas. Como o presente não se pode limitar a um instante, a um ponto, a definição da estrutura do presente, seja ou não consciente, é um problema primordial da operação histórica. A definição do período contemporâneo nos programas escolares de história é um bom teste para esta definição do presente histórico.<sup>25</sup>

Lopes (2001) vai se refere a tais objetos escolares como fonte fundamental nos estudos de História da Educação, assim, a autora cita algumas fontes que são encontradas em instituições escolares, como:

[...] Carteiras, utensílios diversos, cadernetas de professores, exercícios, provas, boletins escolares, livros de ocorrência, cadernos e trabalhos de alunos/as, uniformes, quadros-negros (ou de ardósia), bibliotecas escolares, livros dirigidos ao estudante ou ao professor muito podem dizer sobre

<sup>22</sup> PESEZ, op. cit., p. 241.

<sup>23</sup> LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Fontes e História da Educação. In: \_\_\_\_\_. **História da Educação: o que você precisa saber sobre....** Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 82.

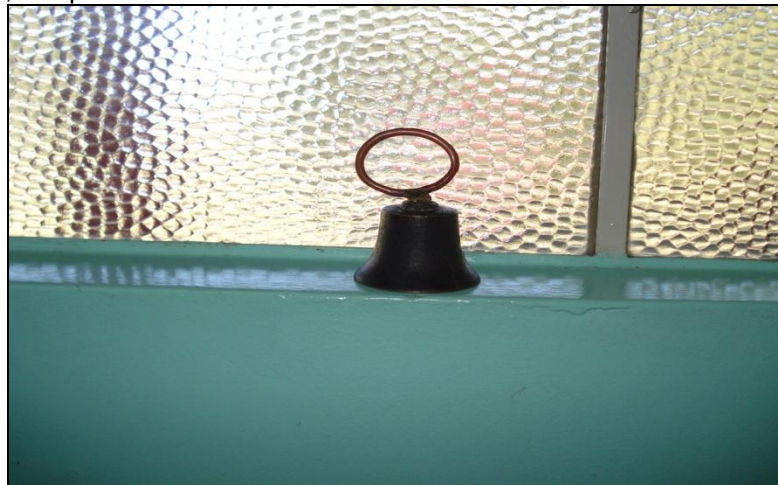
<sup>24</sup> Ibid., p.. 83.

<sup>25</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 207.

métodos de ensino, disciplina, currículo, saberes escolares, formação de professores...<sup>26</sup>

Para a autora esses objetos, quando entram em contato com os pesquisadores/as, é o momento de o historiador deslumbrar-se com ele, a fim de formar uma relação estabelecida entre outros objetos de pesquisa com a sua problemática central.

**Figura 1:** Sineta antiga utilizada para controlar o tempo e horários escolares, da Escola de Educação Básica Ângelo Izé, Forquilha/SC.



**Fonte:** Acervo CEMESSC.

Sino ou Sineta, como era chamado, fez parte do cotidiano escolar durante muito tempo, tinha como finalidade marcar e controlar o tempo de entrada e saída dos alunos/as, como também anunciar o início e o fim do recreio. Para muitas pessoas não passará de um simples sino, mas um historiador, ao ver uma sineta, logo relacionará com o seu contexto histórico, assim fazendo uma análise e estabelecendo relações com o passado dos sujeitos participantes da vida escolar.

---

<sup>26</sup> LOPES, op. cit., p. 83.

**Figura 2:** Carteira escolar antiga, da Escola de Educação Básica Costa Carneiro, Orleans/SC.



Fonte: Acervo CEMESSC.

Antiga carteira escolar, que também fez parte durante anos dos educandários. Nessas carteiras os alunos/as sentavam-se em duplas, elas eram feitas de madeira e ferro, como podemos observar na imagem.

As imagens das figuras 1 e 2 servem para mostrar que os objetos, mobiliários e utensílios escolares são de suma importância, pois nos remetem ao seu passado enquanto cultura material, sendo que, o passado destas instituições não ficará completo se não relembrarmos destes artefatos antigos.

As fotografias também são consideradas fontes históricas, sendo que correspondem a uma boa parte da cultura material escolar produzida nos educandários, essas fontes iconográficas tem suma importância de investigação neste campo.

[...] Fotografias, gravuras e desenhos (inclusive infantis) podem trazer elementos para o entendimento dos modos como os artefatos foram sendo introduzidos nas escolas e indiciar as formas de sua apropriação pelos sujeitos em situações escolares. É preciso reconhecer que a instituição escolar tem sido profícua em produzir representações oficiais de seus sujeitos, dos espaços e, mesmo, das práticas escolares.<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> VIDAL, Diana Gonçalves. SILVA, Vera Lucia Gaspar. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. In:\_\_\_\_\_. **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos** (MA, SP, SC e RS, 1870 – 1925). São Luiz: EDUFMA; Café&Lápis, 2011. p. 33.

**Figura 3:** Primeiras instalações da E. E. B. Professor Lapagesse, Criciúma/SC (antiga Mitra Diocesana) 1933.



Fonte: Acervo CEMESSC.

Segundo Bóris Kossoy (1989), é importante estudar as fotografias e, em que medida os conteúdos que temos destas imagens podem nos trazer informações, auxiliando o conhecimento na construção de uma determinada sociedade.

[...] A fotografia, uma das invenções que ocorre naquele contexto, teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio á pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística.<sup>28</sup>

Portanto, compreendemos o papel significativo de tal documento enquanto cultura material, Kossoy afirma que “[...] é a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e denotador de emoções”<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> KOSSY, Bóris. **Fotografias e história**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1989. p. 14.

<sup>29</sup> Ibid., p. 16.

**Figura 4:** Desfile Cívico da Escola de Educação Básica Julieta Torres Gonçalves, Nova Veneza/SC, setembro década de 1970.



**Fonte:** Acervo CEMESSC.

Todavia percebemos em muitas fotografias encontradas nos educandários, imagens que mostram um período ocorrido no passado, recheado de informações e sentimentos de tal época, por exemplo: álbuns de fotografias de formandos dos cursos regionais e dos grupos escolares, eventos escolares, eventos culturais, desfile cívico, apresentações, viagens, fotos de professores, dos alunos/as e diretores, comemorações, etc..

Ver fotografias escolares como analisadores e, assim, repletas de informações, significados e tensões culturais, requer também que reconheçamos a presença da ambigüidade. A *ambigüidade intrínseca* do *status* das imagens, tanto como substância material, contendo a informação, quanto como representação icônica, direciona nosso olhar para a relação parece-ser que todas as imagens incorporam.<sup>30</sup>

<sup>30</sup> FISCHMAN, Gustavo E.; CRUDER, Gabriela. Fotografias escolares como evento na pesquisa em Educação. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 28, p. 39-53. jul./dez., 2003. p. 47.

**Figura 5:** Hasteamento da bandeira da Escola de Educação Básica Visconde de Taunay, Lauro Muller/SC, década de 1960.



**Fonte:** Acervo CEMESSC.

Assim, ao analisar uma fotografia, percebe-se a importância da preservação desta fonte e a sua contribuição para a história da educação, “muitos objetos, materiais e móveis que podem ser visualizados nas fotografias não compõem mais o acervo da escola”<sup>31</sup>.

O processo de escolarização por meio da cultura escolar nos remete a uma procura ainda mais minuciosa destes objetos como fontes, assim contribuindo para a história da educação brasileira, esse conceito de cultura escolar fica cada vez mais necessário nesta linha histórica. Pois, de tal forma nos possibilita adentrar neste universo educandário e os sujeitos que fizeram parte da comunidade escolar.

A cultura escolar referencia ao modo de como as instituições agiam, trabalhavam e pensavam, por meio de suas práticas cotidianas. Também nos faz ter conhecimento de tal sociedade em determinados períodos. De certa forma, podemos reconstruir a história. “(Re) construir a história de um grupo, de uma comunidade, de uma cidade junto aos sujeitos que a viveram e construíram sonhos de futuro permite buscar um novo olhar sobre a história”<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> ALCÂNTARA, Wiara Rios et al. Educação, história e cultura escolar: a pesquisa como processo formativo do estudante de (Pós) Graduação. In:\_\_\_\_\_. **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos** (MA, SP, SC e RS, 1870 – 1925). São Luiz: EDUFMA; Café&Lápis, 2011. p. 87.

<sup>32</sup> ARAUJO, Mairce da. Alfabetização patrimonial e práticas de ensino: os setenta anos da E. M. Raul Veiga. In:\_\_\_\_\_. **Memórias e Patrimônios: experiências em formação de professores**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009. p. 291.

Mairce da Silva Araújo (2009) utiliza o cotidiano daqueles que contribuíram para as instituições escolares em sua funcionalização, que é a partir do programa de reconstrução da memória.

Neste sentido, percebemos que o conceito de cultura escolar nos estudos da história da educação vem buscando compreender e explicar o universo escolar e os sujeitos que fizeram parte deste cotidiano.

[...] Entendo o conceito de cultura escolar como possuidor de multiplicidade de interpretações capazes de apresentar fragmentos explicativos do universo escolar, aptos a contribuir para o estudo dos fragmentos explicativos do universo escolar, aptos a contribuir para o estudo dos fenômenos educacionais em seus mais variados aspectos históricos.<sup>33</sup>

Portanto, compreende-se que cultura escolar é mais do que simples objetos antigos ou, como muitos se referem, objetos ou documentos “velhos”, que não passam de uns amontoados de coisas sem utilidades. Entretanto, sabemos que estes objetos trazem em si a concepção de cultura material escolar, e tem suma importância para a história da educação, possibilitando a muitos pesquisadores/as adentrar neste universo, “descobrir” e “reconstruindo” a história a partir de sua investigação, perspectiva histórica, classificação, análise documental, interpretação e seus interesses entre outros, enquanto historiadores/as.

Desta forma, podem-se observar as instituições escolares, por isso existem muitos historiadores/as fazendo parte destes debates a fim de discutir sobre os atuais problemas da educação, por meio das investigações e fontes de pesquisas *in lócus* que o pesquisador se debruça nestas procuras, de modo que possa “necessitar extraí-las de um contexto social e educacional mais amplo”<sup>34</sup>.

Marcus Levy Albino Bencosta afirma que:

[...] Ademais, à medida que optamos por utilizar o conceito de cultura escolar enquanto expressão intrínseca dos fenômenos educacionais, nós não podemos perder de vista que ele ajuda a melhor trabalhar as fontes que tratam do universo escolar de nossas pesquisas, mas as fontes por si não são capazes de elaborar conceitos, cabendo ao pesquisador fazê-lo, fundamentado na construção e refinamento de suas análises interpretativas que ressignificam constantemente o passado.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> BENCOSTA, Marcus Levy Albino. A cultura escolar na historiografia da educação brasileira: Alcances e limites de um conceito. In: \_\_\_\_\_. **Cultura Material, Migrações e Cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2010. p. 42.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p.42.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 42.



Portanto, está diretamente ligada à produção do conhecimento voltando-se para área da história da educação, visto como cultura material escolar, que vai além de documentos tanto textuais quanto iconográficos, podendo-se encontrar muito mais nos educandários objetos significativos para a história, desde uma simples carteira antiga, sino que era utilizado para troca de horários, mimeógrafos, projetor de slides, globos, mapas, utensílios escolares, troféus, medalhas, mobílias antigas entre outros artefatos encontrados em algumas instituições, que muito pode nos informar sobre a vida escolar e suas transformações ao longo do tempo.

Por isso tamanha importância da preservação dos artefatos e documentos que compõem a cultura material escolar, onde auxilia e dá base e apoio aos historiadores/as nesta linha de pesquisa. Vivemos em uma sociedade onde a cultura do descarte esta inteiramente ligada no nosso dia a dia, por isso devemos conhecer mais sobre esta prática.

### 3 DOCUMENTOS ESCOLARES E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Antes de abordar a história da implantação do CEMESSC, entende-se que é relevante discutir a importância da preservação dos documentos escolares como forma de garantia das identidades que reportam ao patrimônio escolar.

Para uma análise acerca dos documentos, partimos do princípio de que a história é fundamentada por meio de pesquisas documentais; desde os séculos V e IV a.C. essa prática já vinha sendo utilizada.

Além do conceito de documento é preciso revisitar os conceitos de acervo e arquivo.

Sobre os arquivos sabemos que:

Os arquivos como instituição, provavelmente, tiveram origem na antiga civilização grega. Nos séculos V e IV a.C. os atenienses guardavam seus documentos de valor no templo da mãe dos deuses, isto é, no Metroon, junto à corte de justiça na praça pública em Atenas. No templo conservavam-se os tratados, leis, minutas da assembleia popular e demais documentos oficiais [...] Esses documentos foram conservados e transmitidos desde os tempos primitivos, até talvez o século III da era cristã, na forma de rolos de papiro.<sup>36</sup>

Compreende-se, desta forma, que os documentos fazem parte das representações da humanidade, servindo para pesquisas históricas por meio dos registros coletados das ações e desenvolvimento humano.

Jacques Le Goff (2003) referencia o documento como memória, ou seja, o autor remete a memória a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. Assim, para Le Goff (2003) todo documento pode ser verdadeiro ou falso, dependendo das análises e pesquisas que serão produzidas por meio das escolhas e perspectivas históricas de cada pesquisador, desta forma o documento pode se tornar um monumento histórico como o autor se refere.

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 25.

<sup>37</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 525.

Para Le Goff (2003) os monumentos são herança do passado, já os documentos são escolhas dos historiadores, que tem como objetivo o intuito de estudar e escrever sobre a história, narrando os fatos e acontecimentos mostrados pelos documentos, tendo como principal objetivo a utilização de provas verdadeiras.

O termo latino *documentum*, derivado de *decere*, “ensinar”, evoluiu para o significado de “prova” e é amplamente usado no vocabulário legislativo. É no século XVII que se difunde, na linguagem jurídica francesa, a expressão *titres et documents*, e o sentido moderno de testemunho histórico data apenas do início do século XIX.<sup>38</sup>

Assim, mesmo que seja considerada uma escolha, o documento tem posicionamento e fundamento ao fato histórico, apresentando-se como prova histórica ou, como Le Goff alega, “Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito”<sup>39</sup>.

Os documentos são importantes *fontes*, Dermeval Saviani (2006), no seu artigo "Breves Considerações Sobre Fontes Para a História da Educação", traz o conceito de *fonte*.

Fonte é uma palavra que apresenta, via de regra, duas conotações. Por um lado, significa o ponto de origem, o lugar de onde brota algo que se projeta e se desenvolve indefinidamente e inesgotavelmente. Por outro lado, indica a base o ponto de apoio, o repositório dos elementos que definem os fenômenos cujas características se busca repositório dos elementos que definem os fenômenos cujas características se busca compreender.<sup>40</sup>

Saviani (2006) ainda remete às fontes como algo que brota espontaneamente, “naturalmente” e a algo que é construído artificialmente.

No caso da história, evidentemente não se poderia falar em fontes naturais já que todas as fontes históricas, por definição, são construídas, isto é, são produções humanas (não está em causa, aqui, a questão relativa a uma possível história natural).<sup>41</sup>

Vale ressaltar que essas fontes são produção humana, sendo assim, pode-se encontrar vários tipos de acervos de diferentes maneiras. “[...] São documentos, vestígios, indícios que foram se acumulando ou foram sendo

<sup>38</sup> LE GOFF, op. cit., p. 525.

<sup>39</sup> Ibid., p. 527.

<sup>40</sup> SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, ago. 2006, p. 28. Disponível em <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art5\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art5_22e.pdf)>. Acesso em: 26 de set. 2013.

<sup>41</sup> SAVIANI op. cit., p.29.

guardados, aos quais recorreremos quando buscamos compreender determinado fenômeno”<sup>42</sup>.

Saviani (2006) considera as fontes o ponto de origem, ou seja, a base para a produção historiográfica, assim, podemos ter um conhecimento da história da educação brasileira.

Segundo o autor:

[...] importância o desenvolvimento de uma preocupação intencional e coletiva com a geração, manutenção, organização, disponibilização e preservação das múltiplas formas de fontes da história da educação brasileira<sup>43</sup>.

Percebem-se desta forma a importância da preservação dos documentos escolares e a sua contribuição para história da educação.

Compreendemos de modo sucinto que documento é e pode ser usado nos estudos e pesquisas históricas, a fim de trazer informação de determinadas datas e épocas por meio das análises e registros. Por isso a grandeza da preservação dos documentos escolares, onde têm sido *lócus* neste campo do conhecimento.

Pode-se afirmar que a preservação documental em arquivos é de grande importância para a história da educação, a fim de alicerçar a memória de âmbito social e, principalmente cultural, tanto para a formação contínua quanto para o cotidiano escolar e a comunidade em que está inserida.

Os documentos escolares são indispensáveis para a compreensão da história da educação.

Em sua inteireza e completude, o passado nunca será plenamente conhecido e compreendido; no limite, podemos entendê-lo em seus fragmentos, em suas incertezas [...] traços que foram deixados, dos vestígios não apagados que representam ou que dizem sobre a vida de homens e mulheres das sociedades passadas.<sup>44</sup>

Percebemos a importância dos documentos, a partir de uma perspectiva histórica, sendo que vivemos em uma sociedade que tem como objetivos a novos paradigmas, assim, perdendo os valores de seu tempo. A autora Myriam Santos

---

<sup>42</sup> SAVIANI, op. cit., p. 30.

<sup>43</sup> Ibid., p. 33.

<sup>44</sup> LOPES, op. cit., p. 77.

(1993), em seu artigo “O Pesadelo da *Amnésia Coletiva*”, nos remete a uma análise mais sociológica. Santos, em seu estudo, afirma que vivemos em uma sociedade vazia, ou, como a autora chama, de “amnésia coletiva”.

Diversos sociólogos, ainda que partindo de análises bastante diferenciadas do que seja a sociedade contemporânea – capitalista, industrial burocrática, de consumo, pós-industrial, ou dos meios de comunicação de massa – definem homens e mulheres que vivem nessa sociedade como indivíduos vazios: de sentimentos, experiências de vida, laços pessoais e capacidade de julgamento.<sup>45</sup>

Para um indivíduo a *amnésia* se dá pela ausência dos registros decorrido do passado. Santos alega que “esses indivíduos não tem memória, pois as experiências de vida foram substituídas por informações, e as lembranças do passado constituem recuperação de dados”<sup>46</sup>.

Para Le Goff (2003) a memória está além dos fenômenos biológicos, mas sim associada com a vida social.

[...] Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem “na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui”.<sup>47</sup>

Segundo o autor, a falta de memória está diretamente ligada com a ausência ou presença da escrita, ou seja, por meio das fontes que têm a função de guardar e conservar as ações produzidas pelas instituições, tendo em seu âmbito a organização da memória coletiva.

Compreender o tempo “é essencialmente dar provas de reversibilidade”. Nas sociedades, a distinção do presente e do passado (e do futuro) implica essa escala na memória e essa libertação do presente que pressupõem a educação e, para, além disso, a instituição de uma memória coletiva, a par da memória individual.<sup>48</sup>

Pierre Nora trata como “[...] A necessidade de memória é uma necessidade da história”<sup>49</sup>. Para o autor a memória enquanto história se dá por meio de algo concreto.

---

<sup>45</sup> SANTOS, Myriam. O Pesadelo da Amnésia Coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **RCBS**, n. 23, ano 8, outubro de 1993. p. 71.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 71.

<sup>47</sup> LE GOFF, op. cit., p. 421.

<sup>48</sup> LE GOFF, op. cit., p. 210.

<sup>49</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In:\_\_\_\_\_. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez./1993. p. 14.

[...] Ela se apóia inteiramente sobre o que há de mais preciso no traço, mais material no vestígio, mais concreto no registro, mais visível na imagem. O movimento que começou com a escrita termina na alta fidelidade e na fita magnética. Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive por meio delas. Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado. O sentimento de um desaparecimento rápido e definitivo combina-se à preocupação com o exato significado do presente e com a incerteza do futuro para dar ao mais modesto dos vestígios.<sup>50</sup>

Percebe-se a importância da preservação da memória por meio da salvaguarda de fontes enquanto cultura material, já que vivemos em uma sociedade que tem como costume essa obsessão por algo novo e conseqüentemente o descarte de tais fontes. É o que o autor Pierre Nora referencia sobre essa prática: “[...] Já não lamentamos o bastante em nossos predecessores a destruição ou o desaparecimento daquilo que nos permitiria saber, para não cair na mesma recriminação por parte de nossos sucessores?”<sup>51</sup>. Conforme Nora a lembrança dá-se inteiramente de um passado findo que tem como objetivo a sua reconstituição a mais minuciosa. “[...] É uma memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita”<sup>52</sup>.

Os estabelecimentos educacionais produzem em grande quantidade essas fontes denominadas documentos. Essas informações que ao longo dos anos vem sendo desenvolvidas pelas gestões.

A escola é uma instituição, e como qualquer outra tem como organização de seu estabelecimento a produção de documentos, deste modo registrando as ações da vida escolar dos alunos/as, do corpo docente, direção e até da comunidade inserida em seu contexto, em escolas públicas e privadas. Por essas e outras razões que esses materiais produzidos têm tamanha importância para a contribuição da história da educação.

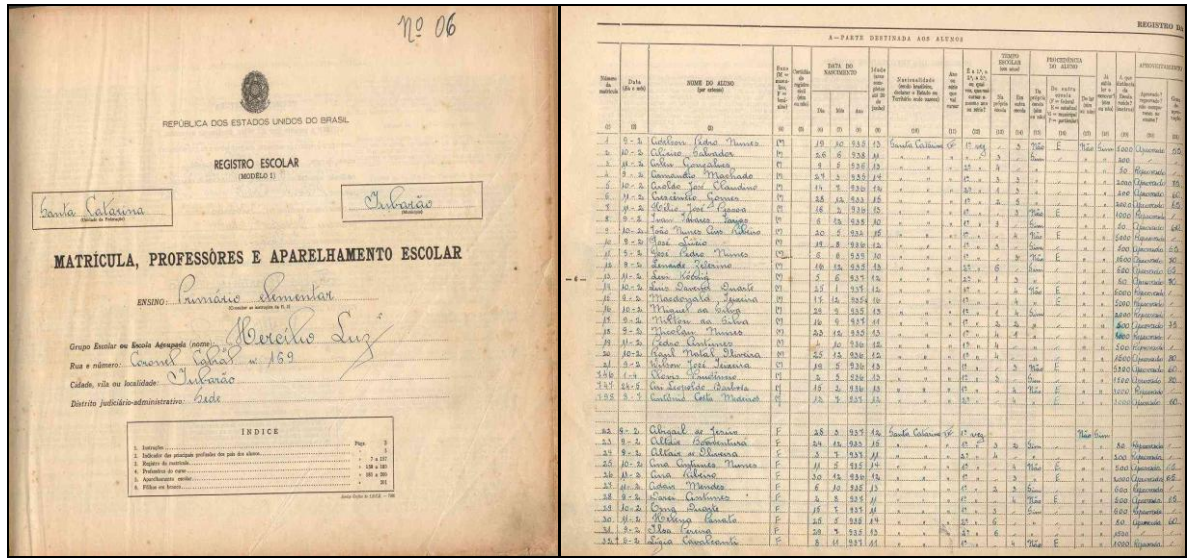
---

<sup>50</sup> NORA, op. cit., p.14.

<sup>51</sup> Ibid., p.14.

<sup>52</sup> Ibid., p.15.

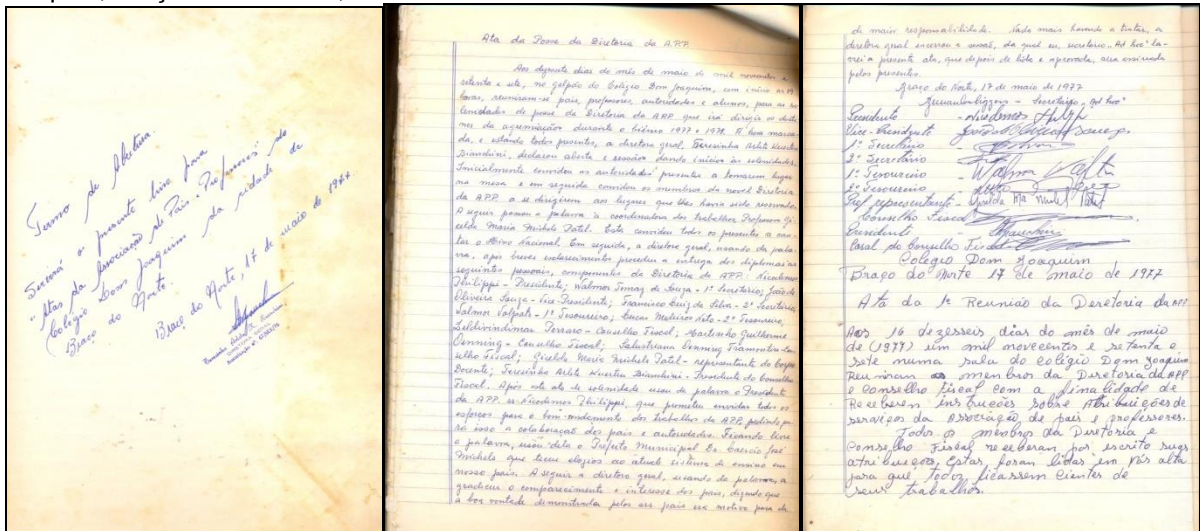
Figura 6: Livro de matrícula da Escola de Educação Básica Hercílio Luz, Tubarão/SC, anos de 1945 – 1967.



Fonte: Acervo CMESSC.

Entre os documentos encontrados nas escolas, estão os livros de matrículas, neles podemos investigar os sujeitos que fizeram parte dos educandários, estando registrados os nomes, a idade, filiação e a série dos alunos/as, como também estando registrado o nome dos/as professores/as que lecionavam em determinada época.

Figura 7: Ata da Associação de Pais e Professores (APP) da Escola de Educação Básica Dom Joaquim, Braço do Norte/SC, anos de 1977 a 1984.



Fonte: Acervo CEMESSC.

As escolas produzem muitas atas. A figura 7 trata-se de uma Ata da APP, nela estão registradas todas as reuniões entre os anos de 1977 a 1984. Sendo que a mesma relata todos os envolvidos, como a direção, os pais e os alunos/as. Assim, tornando-se um documento oficial, pois todos têm que assinar no final de cada reunião, nas atas fica estabelecido as ocorrências, deliberações, conclusões e decisões dos assuntos em pauta. Visto que as atas podem mostrar como funciona a gestão de determinada época e como era o processo educacional. Mas não só as Atas, também há outros documentos produzidos pelas instituições que possuem valor histórico, auxiliando em análises, discussão e debates neste campo da pesquisa.

Heloisa Helena Meirelles dos Santos (2011), coordenadora do Centro de Memória Institucional (CEMI) do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ) salienta a importância dos arquivos escolares, possibilitando pesquisas historiográficas sobre educação, onde nos remete aos aspectos do cotidiano, para preservar os acervos existentes, transformando-os em cultura escolar.

Santos fala em seu artigo<sup>53</sup> que os arquivos escolares ou os documentos produzidos são de suma importância para a historiografia da educação, que é por meio de novas fontes que são possibilitadas análises e pesquisas a fim de reconstituir a cultura de determinadas épocas.

O documento como cultura material nos possibilita também estudar o processo de escolarização.

Busca-se, com isso, interrogar os processos de constituição, no Brasil, de uma sociedade escolarizada, bem como os diversos fatores intervenientes, os limites e as possibilidades e, finalmente, os estrangulamentos sociais, culturais políticos e econômicos postos em funcionamento, ou impostos, sobretudo aos grupos subalternos, pela generalização de uma cultura escolar, e, portanto, da escrita na sociedade brasileira.<sup>54</sup>

Sendo que, o processo de escolarização é outro assunto que já vem sendo debatido por muitos pesquisadores/as neste campo. Estes fatores

---

<sup>53</sup> SANTOS, Heloisa Meirelles dos. **Centro De Memória Institucional**: a cultura escolar nos arquivos. Rio de Janeiro, 2011. O artigo faz parte de um CD entregue na exposição Um Olhar sobre o Instituto de Educação: entre acervos, memória e História e está publicado no blog do Centro de Memória Institucional do ISERJ: <[www.cemiiserj.blogspot.com](http://www.cemiiserj.blogspot.com)>.

<sup>54</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, jan./abril. 2004. p. 139-159. p.153.



determinantes sociais, políticos e pedagógicos que, por meio de pesquisas da cultura escolar vem buscando mostrar o processo educacional brasileiro e contribuindo para a história da educação no Brasil.

Compreende-se a dimensão e o significado dos documentos para a história da educação, e por meio da preservação documental que podemos adentrar em um universo de conhecimentos, que nos possibilita conhecer a vida social passada e presente, político e pedagógico e, sua trajetória ao longo dos anos. Além do mais, sabemos que documentos constituem uma boa parte da Cultura Material Escolar. Foi pensando nesta concepção que surge a implantação do CEMESSC, onde, contribui ainda mais para a preservação e socialização dos documentos escolares, auxiliando e cooperando para futuras pesquisas.

## 4 O CEMESSC E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PRESERVAÇÃO E A PESQUISA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Este capítulo procura discutir e problematizar o processo de implantação do CEMESC realizado pelo GRUPEHME. O grupo, como foi mencionado anteriormente, está vinculado à Pró-reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão/UNESC e é cadastrado ao CNPq. A equipe vem produzindo várias atividades, desde 2001, que procuram pesquisar, registrar e organizar um banco de dados sobre o processo de educação em Santa Catarina.

Para construir esse capítulo utilizo principalmente os Relatórios e Artigos elaborados a partir da pesquisa de campo, ou seja, do recolhimento dos documentos escolares para construção do Centro de Memória em meio virtual realizado durante meu trabalho como bolsista do projeto, entre os anos de 2011 e 2012.

Antes de adentrar na implantação é importante salientar o principal fator que levou o GRUPEHME a tomar a decisão de criar uma cultura científica.

As pesquisadoras do GRUPEHME decidiram pela implantação do CEMESSC porque em suas pesquisas perceberam que a documentação mais antiga das escolas não recebia os cuidados adequados para sua preservação, o que coloca em risco o direito ao conhecimento da História da Educação das gerações que sucedem. Além da falta de cuidados adequados outra realidade é a cultura do descarte, também presenciada nas escolas.

### 4. 1 A CULTURA DO DESCARTE COMO AMEAÇA AO PATRIMÔNIO ESCOLAR

A cultura do descarte é algo muito presente na sociedade, e está relacionada ao consumo incentivado pelo capitalismo, onde a prática do descarte pelos homens se dá inteiramente pela necessidade de consumo exagerado, assim buscando sempre algo que é novo. Segundo Marshall Berman, essa busca transformadora das coisas torna-se um risco. O autor afirma que “[...] mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> BERMAN, Marshall. Introdução – Modernidade Ontem, Hoje e Amanhã. In:\_\_\_\_\_. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 15-35. p.15.

Compreende-se que a sociedade não busca preservar algo que fez parte do passado. Sem a noção da gravidade para suas identidades, muitas instituições vêm cada vez mais adquirindo este hábito, como também os educandários se desfazem dos materiais produzidos pelos sujeitos participantes das escolas, praticando, assim, a cultura de descarte.

Ao conhecermos mais sobre a cultura material escolar e sua contribuição no âmbito da pesquisa histórica, percebemos que boa parte das instituições educacionais não vem preservando como deveriam. Percebemos, durante as visitas às escolas, que os acervos escolares estavam em condições precárias de guarda e cuidados com os documentos escolares.

Diana Gonçalves Vidal e Vera Lucia Gaspar da Silva salientam que os documentos participam decisivamente na produção e reprodução social, mas que vêm se tornando frágil, pois, os educandários não têm a prática de preservar e salvaguardar os acervos.

Tornou-se recorrente na socialização de trabalhos feitos com acervos desta natureza reclamações e desabafos sobre as más condições de acesso, a frágil organização da massa documental, a escassez de exemplares que possam testemunhar as práticas escolares. De todo modo, situação ainda mais “dramática” acomete os artefatos ou utensílios escolares que na maior parte das vezes foram descartados para dar lugar a novas aquisições ou por terem se tornados obsoletos na rotina escolar. Se por um lado livros e documentos impressos, ainda que escassos, são mais facilmente encontrados os exemplares de carteiras, lousas, globos, quadros parietais, abecedários e uniformes praticamente desapareceram da cena pública.<sup>56</sup>

Portanto, a ausência de exemplares dos artefatos escolares pode ser uma ameaça para diversos trabalhos relacionados às investigações em História da Educação, ou mesmo em áreas afins, pois a materialidade ajuda nos trabalhos de memória.

Muitos educandários simplesmente deixam seus documentos em lugares totalmente insalubres, sem nenhum cuidado. Os utensílios e imobiliários são trocados por novos, assim, sem nenhuma política institucional, estes artefatos acabam ficando a mercê da corrosão do tempo, perdendo-se e desintegrando-se por não haver cuidado algum.

---

<sup>56</sup> VIDAL, op. cit., p.26.

Foi pensando na cultura de descarte que o GRUPEHME, por meio do CEMESSC, realizou um projeto de suma importância, um trabalho realizado de forma minuciosa, que tem como objetivo na preservação das fontes por meio da disponibilização dos documentos digitalizados como também nas imagens dos utensílios e mobiliários antigos.

#### 4. 2 IMPLANTAÇÃO DO CEMESSC: INVENTARIAR, DIGITALIZAR E GUARDAR

Para o início das atividades de implantação do CEMESSC, seguiram-se algumas etapas. A primeira foi o inventário das escolas estaduais mais antigas do sul de Santa Catarina, distribuídas em suas microrregiões. Em um primeiro momento alcançou-se a região AMREC – Associação dos Municípios da Região Carbonífera, depois se seguiu para a AMESC – Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense e AMUREL – Associação de Municípios da Região de Laguna.

No segundo momento foram realizadas as visitas *in loco*, apresentando o projeto do CEMESSC para a gestão de cada escola e solicitando autorização para fotografar os prédios escolares, mobílias e utensílios, bem como os documentos textuais e iconográficos para que fossem digitalizados.

[...] Consideramos nessa pesquisa documentos com relevância histórica aqueles que apresentam um significado especial para a escola e que, por esse motivo foram guardados. Entendemos que todos os documentos possuem valor histórico, no entanto, em virtude do grande volume de algumas fichas de matrícula, livros caixas e outros similares, optamos metodologicamente em escolher alguns exemplares por décadas, levando os futuros navegadores do sítio a entrar em contato com a organização escolar do período.<sup>57</sup>

O grupo necessitou pensar um critério de escolha das escolas, nem todas as escolas dessas regiões foram envolvidas. O critério de escolha deu-se na data de criação e emancipação dos municípios, para que fossem priorizados os municípios com maior tempo de existência ou emancipação.

Até o presente momento praticamente todas as escolas já foram visitadas e tiveram seus objetos, arquitetura e documentos digitalizados e fotogicalizados. Para que fosse possível digitalizar os documentos de diferentes dimensões e tipologias os deslocamos das escolas e fizemos

---

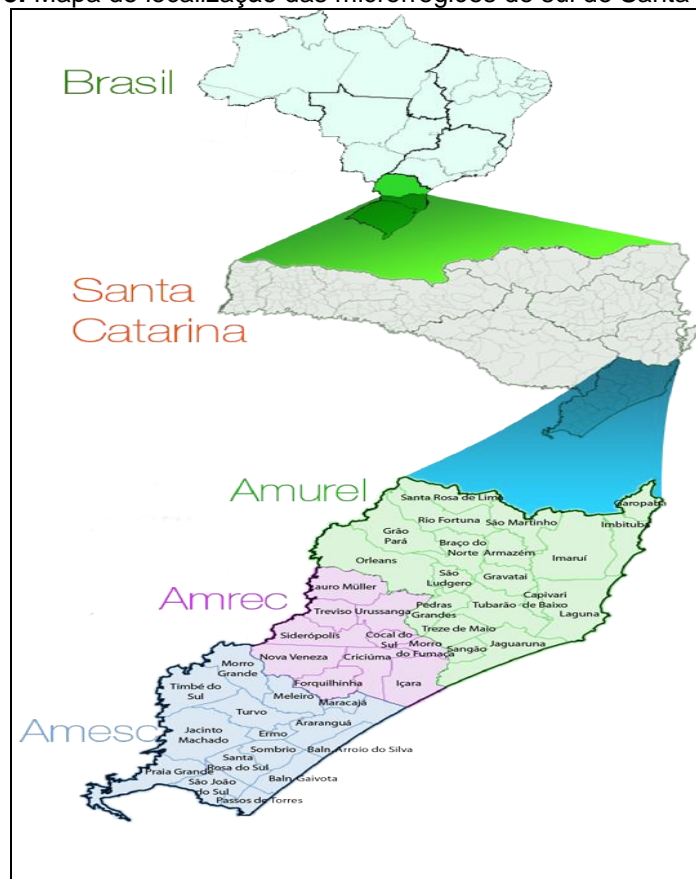
<sup>57</sup> RABELO, op. cit., p. 7.

todo o trabalho na universidade em equipamentos adequados (scanner).<sup>58</sup>

As microrregiões são constituídas de 42 municípios, que a princípio seria o número de escolas envolvidas. Segundo Rabelo e Costa<sup>59</sup> isso não foi possível, pois apenas 57% das escolas foram visitadas. Todavia, não está descartada a hipótese de vir a serem todas as escolas envolvidas futuramente.

O CEMESSC abrange ao todo 27 escolas estaduais, localizadas nos municípios da AMREC, AMESC e AMUREL. Podemos observar na imagem a localização das microrregiões.

**Figura 8:** Mapa de localização das microrregiões do sul de Santa Catarina.



Fonte: Site do CEMESSC <[www.unesc.net/cemessc](http://www.unesc.net/cemessc)>

<sup>58</sup> RABELO, op. cit., p. 7.

<sup>59</sup> Ibid., p. 7.

Das escolas envolvidas no projeto estão:

**Tabela 1:** AMREC – Associação dos Municípios da Região Carbonífera.

| ESCOLAS  | MUNICÍPIOS      |
|--|-----------------|
| Escola de Educação Básica Costa Carneiro           | Orleans         |
| Escola de Educação Básica Princesa Isabel          | Morro da Fumaça |
| Escola de Educação Básica Angelo Izé               | Forquilha       |
| Escola de Educação Básica Professor Lapagesse      | Criciúma        |
| Escola de Educação Básica Professor Padre Schuller | Cocal do Sul    |
| Escola de Educação Básica Salete Scotti dos Santos | Içara           |
| Escola de Educação Básica Visconde de Taunay       | Lauro Muller    |
| Escola de Educação Básica Julieta Torres Gonçalves | Nova Veneza     |
| Escola de Educação Básica José do Patrocínio       | Siderópolis     |
| Escola de Educação Básica Udo Deeke                | Treviso         |
| Escola de Educação Básica Barão do Rio Branco      | Urussanga       |

**Tabela 2:** AMESC – Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense.

| ESCOLAS   | MUNICÍPIOS      |
|---|-----------------|
| Escola de Educação Básica Castro Alves                            | Araranguá       |
| Escola de Educação Básica Pedro Simon                             | Ermo            |
| Escola de Educação Básica Jacinto Machado                         | Jacinto Machado |
| Escola de Educação Básica Manoel Gomes Baltazar                   | Maracajá        |
| Escola de Educação Básica do Meleiro                              | Meleiro         |
| Escola de Educação Básica Bulcão Viana                            | Praia Grande    |
| Escola de Educação Básica Professora Maria Solange Lopes de Borba | São João do Sul |
| Escola de Educação Básica Catulo da Paixão Cearense               | Sombrio         |
| Escola de Educação Básica Timbé do Sul                            | Timbé do Sul    |
| Escola de Educação Básica Jorge Schutz                            | Turvo           |
| Escola de Educação Básica Governador Ildo Meneghetti              | Passo de Torres |

**Tabela 3:** AMUREL – Associação dos Municípios da Região de Laguna.

| ESCOLAS   | MUNICÍPIOS     |
|---|----------------|
| Escola de Educação Básica Marechal Luz                        | Jaguaruna      |
| Escola de Educação Básica Hercílio Luz                        | Tubarão        |
| Escola de Educação Básica Henrique Lage                       | Imbituba       |
| Escola de Educação Básica Professora Eulina Heleodora Barreto | Imaruí         |
| Escola de Educação Básica Dom Joaquim                         | Braço do Norte |

As escolas foram escolhidas pelas organizadoras e coordenadoras do projeto, por meio de um acordo com as escolas, oficializadas por um Termo de Compromisso. Todas as instituições escolhidas foram visitadas por bolsistas

juntamente com a presença de uma das coordenadoras do GRUPEHME. As escolas foram fotografadas e tiveram seus documentos levados para a digitalização, sendo este trabalho realizado no campus da UNESC. Após a digitalização dos documentos, o grupo os devolveu para as instituições de origem.

Vale ressaltar que:

No primeiro ano de execução do projeto, apesar da forte cultura do descarte foi encontrada uma diversidade de documentos que resistiram ao tempo, como: fotografias, hinos e históricos escolares, livros de matrícula, cadernos de desenho, fichas de alunos/as, livros-ponto. Somam-se a esses documentos vários livros de atas de: reuniões pedagógicas, conclusão de cursos, das APPs- Associações de Pais e Professores, dos Centros Cívicos, dos Grêmios Estudantis, dos Caixas Escolares, das Associações das Bibliotecas, dos Clubes Agrícolas, dos Clubes de Leitura, dos Jornais Escolares, dos Pelotões da Saúde, das Ligas da Bondade, das Ligas Pró-língua Nacional, de Exames Finais, dos Termos de Visitas dos Inspetores. Do mesmo modo, inventariamos, também, vários livros de registros: de Notas das Sabatinas, de Correspondência, de Honra ao Mérito, de Comunicações aos Pais, de Portarias e Decretos de Professores, de Avisos entre outros.<sup>60</sup>

Os documentos encontrados trazem a relação do sujeito e os educandários. “As instituições escolares produzem uma imensidão de documentos que obedecem a uma ordem escriturística, sendo eles resultados das relações pedagógicas”<sup>61</sup>, sendo assim, o CEMESSC busca por meio destas fontes mostrar o âmbito escolar enquanto cultura material, em um suporte virtual, preservando o original e também mostrando por meio da *internet* que é possível uma investigação, contribuição e auxílio em pesquisas. “[...] os historiadores da educação incorporaram a idéia de que a História se faz a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas”<sup>62</sup>. O GRUPEHME, pensando nesta concepção, inventariou, digitalizou e guardou esses traços ou vestígios.

Sabemos que a digitalização preserva o original, pois evita o manuseio para não deteriorá-los. Porém não devemos deixar de lado a importância da preservação destas fontes, evitando a destruição dos objetos que fizeram parte dos educandários, sendo que não substitui o contato pessoal com as fontes.

---

<sup>60</sup> RABELO, op. cit., p. 7.

<sup>61</sup> NICOLAU, Fabiana. Produzindo fontes para história carnalizada: as instituições e cultura escolares In: \_\_\_\_\_. **História, Educação e Cultura Escolar**. Chapecó: Argos, 2012, p. 89-102. p. 93.

<sup>62</sup> LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da educação**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 120p. p.81.

[...] com as possibilidades e promessas da digitalização, a ameaça de outra destruição não se afastou definitivamente. Como leitores, como cidadãos, como herdeiros do passado, devemos, pois, exigir que as operações de digitalização não ocasionem o desaparecimento dos objetos originais e que seja sempre mantida a possibilidade de acesso aos textos tais como foram impressos e lidos em sua época.<sup>63</sup>

Depois de feita a escolha dos documentos, foram deslocados para um dos laboratórios da UNESCO, com o auxílio das professoras e coordenadoras Giani e Marli, que ofereceram todo o apoio e suporte para as bolsistas envolvidas com o projeto.

[...] Este procedimento foi adotado para assegurar maior qualidade no processo de digitalização, pois na universidade há disponibilidade de um escâner mais apropriado para este fim. Antes de serem digitalizados, houve a remoção manual de encadernações, grampos e cliques, fitas adesivas além do conserto de páginas rasgadas dos documentos (quando possível). Na sequência, os documentos foram pré-classificados em arquivos específicos.<sup>64</sup>

Após esses procedimentos, passou-se para a próxima etapa, que foi a digitalização dos documentos. Todos os arquivos passaram por um tratamento das imagens, sendo realizada a compactação dos mesmos, pois esse processo de compactação reduz os tamanhos dos arquivos para o armazenamento de transferência, que passaram por um processo de tratamento das páginas e foram colocadas em formato de PDF.

Dando sequência ao trabalho, foram realizadas a identificação e catalogação dos arquivos, visando os dados e o âmbito de seu conteúdo. Documentos e conteúdos estão disponibilizados no *Site* do CEMESSC<sup>65</sup> ou por meio do sistema de busca da biblioteca da UNESCO. Com os dados selecionados pelas pesquisadoras, as coordenadoras do GRUPEHME tiveram o cuidado para que estes fossem devidamente selecionados a fim de não haver problemas legais, para que tudo saísse como planejado.

Sendo assim, pesquisadores/as selecionaram os documentos e os conteúdos para a alimentação do sistema juntamente com o auxílio da equipe da biblioteca da UNESCO, com a finalidade de alimentar o acervo com todo cuidado, que além de ficar armazenados no sistema de busca também foram colocados em CDs.

---

<sup>63</sup> CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002. p.29.

<sup>64</sup> RABELO, op. cit., p. 8.

<sup>65</sup> <[www.unesc.net/cemessc](http://www.unesc.net/cemessc)>



Após a coleta dos dados, foi feita uma revisão do acervo juntamente com as bibliotecárias que nos deram todo o suporte e, trabalhando em conjunto, para que tudo saísse perfeitamente, um trabalho minuciosamente elaborado, onde exigiram muita dedicação e atenção de ambas as partes, depois deste procedimento, cada escola pronta foi armazenada em CDs, ficando distribuídas por: disponibilizados, não disponibilizados e documentos sem identificação, ou seja, três CDs por escolas. Sendo que, foi uma cópia dos CDs para as escolas, Biblioteca e para o acervo do CEMESSC.

O acervo do CEMESSC constitui-se como base de dados para várias pesquisas no campo da História da Educação, que busca oportunizar aos usuários do CEMESSC o contato com os novos conhecimentos científicos e tecnológicos, que interagem com a história e a memória, ampliando as pesquisas acadêmicas neste campo.

O CEMESSC tem como finalidade oferecer visibilidade, oportunizando o envolvimento de gestores, professores/as, alunos/as e pais na busca da história desses estabelecimentos educacionais.

Assim, o CEMESSC passa a ser um GUARDIÃO da Memória da Educação, contribuindo com a socialização da história da educação do Sul de Santa Catarina, com a comunidade e pesquisadores/as e principalmente com a preocupação em divulgar a importância da preservação do patrimônio e dos acervos escolares, abrindo as portas para novas investigações nesta área.

Com a utilização destes documentos temos várias possibilidades de pesquisas acadêmicas e científicas em diferentes áreas, não apenas histórica, mas também pedagógica, administrativa, arquivística entre outras áreas do conhecimento acadêmico.

No âmbito acadêmico desenvolveremos projeto de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e dissertações no campo da História da Educação. Buscaremos oferecer oportunidade de ampliação do número de pesquisas acadêmicas que tratem de aspectos relacionados à História da Educação do sul de Santa Catarina. Também divulgaremos o CEMESSC em eventos científicos nacionais e internacionais e produziremos e publicaremos artigos científicos para as revistas da área de História da Educação.<sup>66</sup>

Compreende-se o papel fundamental e que dá base para esse projeto,

---

<sup>66</sup> RABELO, op. cit., p 10.

onde tem contribuído cada vez mais para uma história crítica e investigativa acerca dos estudos relacionados com as práticas cotidianas nas instituições escolares. O CEMESSC vem ao encontro do uso das novas tecnologias, trazendo para o pesquisador/a uma maneira simples e fácil, com o acesso em qualquer lugar, com muito empenho para que todos/as possam se beneficiar, tendo como auxílio o acervo por meio das mídias digitais, onde o sistema possa oferecer o que tem de melhor. Assim, mostrando e sensibilizado sobre a guarda do material produzido nos educandários.

O CEMESSC está no ar desde o ano de 2012, disponibilizado pelo sistema *pergamum* de busca da biblioteca da UNESCO. Também se encontra inserido no *site* da página da UNESCO, vinculado com o setor do MUESC – Museu Universitário do Extremo Sul Catarinense, na unidade do CEDOC – Centro de Documentação da UNESCO – *link* Acervo CEMESSC.

## CONCLUSÃO

Por meio desse estudo, permite a compreensão sobre a História da Educação, sobre a importância em preservar os documentos escolares. A partir dessa investigação percebi as mudanças que as escolas sofreram com o passar dos anos e, principalmente, na relação dos sujeitos que fizeram parte do âmbito pedagógico.

Compreendi o que é a cultura material escolar e qual o seu alcance nos estudos da história da educação, onde busca entender e explicar esse campo em seus mais variados aspectos.

Pude ver o descaso que os arquivos escolares vêm sofrendo, sem que as gestões tenham alguma política de preservação para salvaguarda deste patrimônio escolar. Assim, o GRUPEHME me proporcionou adentrar neste universo de conhecimento e percepção de uma realidade que ainda se faz presente nas instituições escolares.

O CEMESSC oportunizou a preservação e a valorização da nossa herança cultural escolar, por meio da digitalização e arquivando os documentos encontrados nas escolas, assim proporcionando o direito à memória para gerações futuras.

O grupo busca, com a implantação do CEMESSC, contribuir para o fortalecimento da cultura escolar, e que as instituições escolares possam valorizar a sua história. Pois o projeto visa a preservação dos documentos por meio das mídias digitais, mas o trabalho de preservar os acervos dessas instituições sobre os documentos impressos e de objetos escolares é inteiramente dos educandários de origem, por isso o grupo ressalta a sensibilidade de pensar em ações que atuem no campo da preservação do patrimônio escolar, movendo para os sujeitos envolvidos nas escolas a guarda da materialidade produzida por elas.

O CEMESSC possibilitará, no âmbito acadêmico, muitos projetos de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e dissertações no campo da História da Educação, pois está pautado em uma concepção que busca a valorização de todos os sujeitos envolvidos no processo de escolarização, ou seja, uma perspectiva da história social em diálogo com a história cultural.

A implantação do CEMESSC por meio do GRUPEHME, buscando com oficinas, orientarem as gestões das escolas para a importância dos documentos, bem como de que forma realizar sua guarda e conservação.

O CEMESSC contribuiu para realização deste TCC, possibilitando-o para minha pesquisa tanto nas visitas nas escolas como no manuseio dos documentos, onde não só a mim, mas também possibilitou outras bolsistas que tiveram participação no processo de implantação do projeto, proporcionando em várias pesquisas para os desenvolvimentos de seus trabalhos. Sendo que algumas se encaminharão para continuidade no Mestrado em Educação da UNESCO. Sendo assim, percebem-se as mais variadas possibilidades de pesquisa e contribuição para a linha de pesquisa da História da Educação.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Wiara Rios et al. Educação, história e cultura escolar: a pesquisa como processo formativo do estudante de (Pós) Graduação. In:\_\_\_\_\_. **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, SC e RS, 1870 – 1925)**. São Luiz: EDUFMA; Café&Lápis, 2011.

ARAUJO, Mairce da. Alfabetização patrimonial e práticas de ensino: os setenta anos da E. M. Raul Veiga. In:\_\_\_\_\_. **Memórias e Patrimônios: experiências em formação de professores**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

BENCOSTA, Marcus Levy Albino. A cultura escolar na historiografia da educação brasileira: Alcances e limites de um conceito. In:\_\_\_\_\_. **Cultura Material, Migrações e Cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2010.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 15-35.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

FARIA FILHO, Luciano Mendes; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, jan./abril. 2004. p. 139-159.

FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Orgs.). Cultura Escolar: da migração do conceito à sua Objectivação Histórica In:\_\_\_\_\_. **Cultura Material, Migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2010.

FISCHMAN, Gustavo E.; CRUDER, Gabriela. Fotografias escolares como evento na pesquisa em Educação. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 28, p. 39-53. jul./dez., 2003.

KOSSY, Bóris. **Fotografias e história**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: \_\_\_\_\_. **História e Memória**. 4 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Fontes e História da Educação. In: \_\_\_\_\_. **História da Educação: o que você precisa saber sobre....** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da educação**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NICOLAU, Fabiana. Produzindo fontes para história carnavalizada: as instituições e cultura escolares In:\_\_\_\_\_. **História, Educação e Cultura Escolar**. Chapecó: Argos, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In:\_\_\_\_\_. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez./1993.

PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material In: \_\_\_\_\_. **A História Nova**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RABELO, Giani; COSTA, Marli de Oliveira. Inventariar, digitalizar, guardar: A preservação da história da educação no Sul de Santa Catarina. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 2011, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: USP, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300964050\\_ARQUIVO\\_artigocompletoanpuh2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300964050_ARQUIVO_artigocompletoanpuh2011.pdf)>. Acesso em: 19 de nov. 2013.

SANTOS, Heloisa Meirelles dos. **Centro De Memória Institucional: a cultura escolar nos arquivos**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <[www.cemiiserj.blogspot.com](http://www.cemiiserj.blogspot.com)>. Acesso em: 19 de nov. 2013.

SANTOS, Jose Luiz dos. **O que é cultura**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SANTOS, Myriam. O Pesadelo da Amnésia Coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **RCBS**, n. 23, ano 8, outubro de 1993.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p. 28, ago. 2006. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art5\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art5_22e.pdf)>. Acesso em: 26 de set. 2013.

SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves. SILVA, Vera Lucia Gaspar. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. In:\_\_\_\_\_. **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, SC e RS, 1870 – 1925)**. São Luiz: EDUFMA; Café&Lápis, 2011.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARROS, José D'Assunção. História da cultura material – notas sobre um campo histórico em suas relações intradisciplinares e interdisciplinares. **Revista Eletrônica Patrimoniuss**, Maricá, 2010. Disponível em:  
< [http://www.uss.br/pages/revistas/revista\\_marica/patrimoniuss2010/pdf/artigo1.pdf](http://www.uss.br/pages/revistas/revista_marica/patrimoniuss2010/pdf/artigo1.pdf)>  
Acesso em: 10 de set. 2013

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **A escrita da história: Novas preceptivas**. São Paulo: Unesp, 1991.

CASTRO, César Augusto (Org.). **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, SC e RS, 1870 – 1925)**. São Luiz: EDUFMA; Café&Lápis, 2011.

DALLABRIDA, Norberto. **Mosaico de escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República**. Florianópolis: Cidade futura, 2003. 308p.

LE GOFF, Jacques (Org.) **A História Nova**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **SciELO**, Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.- abr. 2011. Disponível em:  
< <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v6n1/a02v6n1.pdf>> Acesso: 26 de set. 2013

MARTINS, Cíntia Gonçalves; FIGUEIREDO, Taise Machado. Inventariar, digitalizar, guardar: a documentação das escolas estaduais mais antigas da Associação dos municípios da Região de Laguna- AMUREL. In: XIV Encontro Estadual de História. 15., 2012, Florianópolis **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Anpuh, 2012. Disponível em:<<http://www.anpuh-sc.org.br/encontro2012/uploads/simposio-15-trabalho-04.pdf>>  
Acesso em: 20 nov. 2013.

PAIM, Elison Antonio; RABELO, Giani; COSTA, Marli de Oliveira (Orgs). Produzindo fontes para história carnalizada: as instituições e cultura escolares In:\_\_\_\_\_. **História, Educação e Cultura Escolar**. Chapecó: Argos, 2012.